

Joaquim Barradas de Carvalho: para a história de um Historiador

Victor Gonçalves

1. Depoimento

Conheci Joaquim Barradas de Carvalho em Junho de 1974, quando desempenhava, por curtos meses, as funções de presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Lisboa.

Corriam tempos rápidos e dessa breve entrevista lembraria mais tarde, e apenas, uma figura risonha, bronzeada como um homem do deserto. Deixou-me papéis (o *curriculum*, duas moradas) e levei-o de boleia até à Elias Garcia, onde morava a mãe.

Só muito depois, em 1976, viria a conhecê-lo melhor e, a partir daí, a acompanhá-lo de perto até ao seu fim.

Em 1976, alguns professores do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa alarmaram-se perante o descalabro a que chegara o que restava do antigo Centro de Estudos Históricos: instalações amputadas, biblioteca saqueada, equipamento desaparecido... Reúnem-se e elegem uma Comissão Directiva que diligenciaria junto do Instituto Nacional de Investigação Científica a reabertura e o reapetrechamento do que se viria a chamar Centro de História da Universidade de Lisboa.

Joaquim Barradas de Carvalho foi, então, eleito Secretário do Centro de História, funções que desempenhou até à sua morte.

Como membro desde a mesma data da Comissão Directiva do Centro de História, e como seu colega na Faculdade, acompanhei-o constantemente. No Centro, porque a burocracia crescia assustadoramente e os despachos se multiplicavam, na Faculdade porque os *anos quentes* não poupavam ninguém e com ele me vi na Madeira, ensinando... História Económica e Social.

Como parece óbvio, e pondo de parte a curiosidade do homem inteligente e sempre atento, pouco interessava a Barradas de Carvalho o meu trabalho de arqueólogo e injusto seria se o sobrecarregasse com as histórias sem história de uma profissão (quase) inexistente. Mas as lon-

gas conversas que mantivemos em minha casa ou na sua, em frente a duas *Tuborg* ou a um copo do *Drurys* brasileiro que ele tanto estimava, fizeram-me conhecer uma das mais impressionantes aventuras de homem e historiador, um *verdadeiro* e não um erudito ou um diletante. Joaquim Barradas de Carvalho amava a vida, Portugal, a França, o Brasil, a cerveja bem fresca, o *whisky* brasileiro, as cidades vivas, as pessoas inteligentes, a suave brisa do Outono e as ruas das cidades.

Nacionalidade? 'Parisien, rive gauche', respondia com o sorriso aberto. Mas era vê-lo na fornalha de Lisboa e em Agosto, escrevendo e lendo, conversando com amigos, fazendo projectos.

'Só não resisto às tentações', dizia e mergulhava fundo numa Universidade em crise que cada vez o desiludia mais e, na sua eterna vocação de grande normalizadora do espírito e do comportamento, mais e mais o comprimia contra a burrice, o vazio, a estupidez.

Possuidor das mais altas graduações universitárias francesas, Joaquim Barradas de Carvalho chocou com o pequeno meio lisboeta de pequenos intelectuais que subitamente se descobriam de esquerda, de arrivistas mediocres, de peralvilhos de pacotilha.

Um dos raros homens livres que conheci, desafiou tudo para manter a coerência consigo próprio (a mais importante afinal), sem limitações de conveniência ou restrições de qualquer natureza. E essa liberdade pagou-a Joaquim Barradas de Carvalho bem cara, defendendo-a, palmo a palmo, contra a demagogia, a incompreensão e a rigidez.

Crescido mentalmente no exílio, na grande Pátria dos homens livres, experimentado num Brasil contraditório, entre Paris e S. Paulo viajava, amando sempre Lisboa, a Rua das Chagas, onde vivia a mãe de sua mulher, Margarida, até mesmo a Rua João Soares, onde visitava o filho da grande figura republicana, de que nunca se afastaria, apesar das diferenças de opinião, pensamento e acção que, aparentemente, os separavam.

Em 1975 e 1976 o Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, em tempos de dureza ideológica, espantou-se com a liberdade de pensamento de Joaquim Barradas de Carvalho, Incapaz de solicitar, *por favor*, uma «promoção» que lhe era devida por direito, suportou, sem uma queixa, os horários brutais e desgastantes, de doze a dezoito horas, os Seminários com 70 e mais participantes, distribuições de serviço feitas sem seu conhecimento por alunos que mal o conheciam e pouco o estimavam, por vezes.

Homem profundamente liberal, Joaquim Barradas de Carvalho não resistiu à violência do esforço, à incompreensão e ao desinteresse.

Lembro-me com incontida emoção das palavras que ele tantas vezes disse e que acabaria por escrever, demasiado rapidamente, no artigo que abre este número da Revista que criou, de um Centro de pesquisa a que se entregou sem reserva. Lembro-me e não posso deixar de me perguntar se, também ele, Joaquim Barradas de Carvalho, filho de uma terra ingrata que deixa morrer os seus filhos para só então lhes pôr os nomes nas ruas e lhes fazer (tardias) homenagens, se não suicidou também. Na voragem das noites mal dormidas, na angústia de uma violência que ele não compreendia, na dura saudade de Paris e S. Paulo, na rejeição corajosamente assumida dos que pensam possível armadilhar os homens livres e espartilhá-los em credos ou ideias feitas.

Como homem livre, escreveu Joaquim Barradas de Carvalho sobre um período em que Portugal era jovem e crescia. Num Portugal em transição (para onde, ele não sabia) morreu.

Como homenagem ao Amigo perdido, e ao companheiro do Centro de História, são escassas as minhas palavras e o seu *curriculum* uma fraca imagem.

2. Breve nota biográfica

Joaquim Manuel Godinho Braga Barradas de Carvalho nasceu em Lisboa, a 13 de Junho de 1920, na mesma cidade em que viria a morrer, sessenta anos depois (18 de Junho de 1980). Era filho de um rico latifundiário alentejano, Manuel Telles Barradas de Carvalho e de Lobélia Godinho Braga de Carvalho.

Seu pai, monárquico liberal, era homem dado às letras tendo publicado romances como *Lua Santa* e *Canto do Ermo*. Um deles, *Terra Campa*, seria Prémio Ricardo Malheiros.

Joaquim Barradas de Carvalho foi profundamente marcado pelo liberalismo e independência intelectual de seu pai e cresceu num ambiente de compreensão e liberdade que o manteve sempre muito ligado à figura do grande agricultor das Galveias, por cuja casa passariam muitas figuras de clandestinos. Contava Barradas de Carvalho que, à excepção de uma ou outra personalidade mais conhecida, nunca o pai lhe perguntou quem eram as figuras fugidias que, acompanhando-o, lhe entravam em casa. Nem uma só vez se negou a abrigar esses viajantes da noite, tão distantes politicamente de si próprio.

Mais tarde, quando o filho escolheu o exílio dourado de Paris, seus pais continuarão a apoiá-lo incondicionalmente, estando mesmo presentes (com Aquilino Ribeiro e Magalhães Vilhena) nas provas finais de doutoramento de 3.º Ciclo.

Por volta de 1942, Barradas de Carvalho, na oposição ao que estigmatizaria sob o nome de obscurantismo salazarista, liga-se ao Partido Comunista Português, «Fará» as tipografias clandestinas e participará na montagem de esquemas de distribuição do órgão oficial do partido.

Em 1945 casa-se com Ruth Arons, de quem terá dois filhos (Alberto e Manuel Arons de Carvalho), licenciando-se no ano seguinte na Faculdade de Letras de Lisboa.

Em 1949 está já em Paris, frequentando Cursos e Seminários de George Friedmann e lendo pela primeira vez Rabelais. É talvez a leitura do *Maystre* que o afasta decisivamente do século XIX, contribuindo a sua amizade com Lucien Febvre para o travejamento da sua obra.

Relaciona-se agora com Fernand Braudel e George Gurvitch, priva com Guy Beaujouan, Jean Délumeau, M. Bataillon, Robert Ricard, Michel Mollat, A. Silbert, A. Soboul...

A partir de 1951 contará com o apoio da sua companheira até à morte, Margarida Barradas de Carvalho. Dela terá dois filhos (Joaquim Manuel Brandão de Carvalho, em Lisboa, 1958, e Miguel Brandão de Carvalho, Paris, 1961).

Em 1961, regressa a Lisboa, «para ficar», mas ao candidatar-se a docente da Faculdade de Letras do Porto, o seu dossier é interceptado pela polícia política. Pouco antes, dizia a Margarida, «Paris acabou», agora, e apesar de ter reconhecido a mão de Duarte Pacheco Pereira nas notas marginais à tradução de João Faras do *De Situ Orbis* de Pompónio Mela, e ao envolver-se, ainda que indirectamente, no assalto ao quartel de Beja, vê como inevitável o regresso a França.

De Março de 1964 a 4 de Fevereiro de 1970 Joaquim Barradas de Carvalho está em S. Paulo, professor titular convidado da Universidade de S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras.

Vemo-lo agora com Eduardo Oliveira França, Carlos Guilherme Mota, Fernando Novaes, Sérgio Buarque de Holanda, Eurípides Simões Paula, Cruz Costa, José Honório Rodrigues e muitos outros filósofos, sociólogos, historiadores e economistas brasileiros.

O Brasil impressionou-o de tal modo que muitas vezes o ouvi repetir, em Lisboa, uma frase de Braudel em que o historiador francês dizia ser indispensável, ao português que quisesse conhecer o seu País, o conhecimento e a vivência do Brasil.

São anos de grande actividade e entusiasmo, só interrompidos pela inquietação de Braudel perante a evolução política do Brasil. Essa situação leva-o a convidar Joaquim Barradas de Carvalho ao regresso a Paris, ao *Centre National de la Recherche Scientifique*.

Até Abril de 1974, J. Barradas de Carvalho permanecerá no C. N. R. S., primeiro como *attaché* depois como *chargé de recherches*.

Nesse ano, como tanto português exilado, regressa a Portugal esperançado numa mudança radical de estruturas, numa evolução rápida mas feita na compreensão e na justiça. Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, a quem recusaram sempre a integração no quadro, irá de decepção em decepção, muitas vezes esgrimindo contra moinhos de vento.

Defende Sottomayor Cardia em depoimento ao *Nouvel Observateur*. O mesmo Sottomayor Cardia que não levantará um dedo para que a integração de Barradas de Carvalho se efectuasse. Define e assume posições de tal flexibilidade que são grande as reticências que lhe porão alguns antigos companheiros de luta. Dedicar-se ao Centro de História e aos seus alunos do Departamento, apesar dos horários incríveis e violentísimos a que foi obrigado e das populosas turmas que orientou.

Do dramático conflito consigo próprio dos seus últimos anos não é ainda a altura de falar. Resta-nos recordar que em 28 de Abril de 1980, uma afecção não inteiramente diagnosticada o lançou num terrível combate com a morte. Terrível, longo e sem esperança. Joaquim Barradas de Carvalho morria na madrugada de 18 de Junho.

3. Curriculum

3.1. Diplomas Universitários:

- Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1946).
- Doutoramento em Estudos Ibéricos (3.º Ciclo) pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris-Sorbonne — (Equivalência à Tese Complementar de Doutoramento de Estado, e «les félicitations du Jury») (1961).
- Diploma da Escola Prática de Altos Estudos-Sorbonne — (IV.ª Secção: Ciências, História e Filológicas) (1970).
- Doutoramento de Estado em Letras e Ciências Humanas pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris IV-Sorbonne — (Classificação: «Très Honorable» e «les félicitations du Jury») (1975).

Bolsas de estudo (Paris, 1950-1963):

- «Relations Culturelles» de Ministério dos Negócios Estrangeiros da França.
- Association Marc Bloch.
- Fundação Calouste Gulbenkian.
- Centre National de la Recherche Scientifique (como Professor estrangeiro convidado).

3.2. Funções Universitárias:

- Professor Titular convidado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Brasil) (Regência das Cadeiras de «História da Civilização Ibérica» e «História da Cultura Portuguesa») (1964-1970).
- «Attaché» e «Chargé de recherche» no «Centre National de la Recherche Scientifique» (C.N.R.S.) Paris, 1970-1976).
- Professor Catedrático convidado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa (desde 15 de Abril de 1975).

3.3. Publicações

Livros:

1. *As Invenções Técnicas e a História Económica*, Empresa Contemporânea de Edições, Coleção Testemunho, Lisboa, 1943 (72 pp.).
2. *As Ideias Políticas e Sociais de Alexandreerculano*, Lisboa, 1949 (232 pp.). Tese apresentada em 1946 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção da Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas — 2.ª ed., Coleção Argumentos, Edições «Seara Nova», Lisboa, 1971 (291 pp.).
3. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis»*, Coleção da «Revista de História», São Paulo, 1968 (180 pp.). — 2.ª ed., Imprensa Nacional, Lisboa.
4. *O Descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas)*, Volume II, Coleção da «Revista de História», São Paulo, 1971 (260 pp.).
5. *Da História-Crónica à História-Ciência*, Livros Horizontes, Coleção Horizonte, Lisboa, 1972

(140 pp.) — 2.ª ed., Lisboa, 1976 — 3.ª ed., Lisboa, 1979.

6. *Rumo de Portugal. A Europa ou o Atlântico— (Uma perspectiva histórica)*, Livros Horizontes, Lisboa, 1974 (96 pp.).
7. *O Obscurantismo Salazarista*, Coleção Argumentos, Edição «Seara Nova», Lisboa, 1974 (168 pp.).
8. *La traduction espagnole du «De Situ Orbis» de Pomponius Mela par Maître Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira*, Ed. «Junta de Investigações Científicas do Ultramar», Lisboa, 1974 (250 pp.). Tese apresentada, em 1970, à Escola Prática de Altos Estudos da Universidade de Paris — Sorbonne).
9. *«Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco (Edition critique et commentée)*, Ed. da «Junta de Investigações Científicas do Ultramar», no prelo (1255 páginas dactilografadas). (Tese de Doutoramento de 3.º Ciclo em Estudos Ibéricos pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris — Sorbonne, 1961).
10. *A la recherche de la spécificité de la Renaissance portugaise — L'«Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes (Contribution à l'étude des origines de la pensée moderne)*, Centre Culturel Portugais de la Fondation Calouste Gulbenkian — Paris, no prelo (1405 páginas dactilografadas). Tese de Doutoramento de Estado pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris, IV — Sorbonne, 1975).
11. *Estudos Históricos*, Livros Horizonte, Coleção Horizonte, no prelo (233 páginas dactilografadas).
12. *Portugal e as Origens do Pensamento Moderno*, Livros Horizonte, Coleção Horizonte, Lisboa, no prelo (183 páginas dactilografadas).
13. *O Renascimento Português (Em busca da sua especificidade)*, Imprensa Nacional, Lisboa, no prelo (50 páginas dactilografadas).

Artigos:

14. *O Liberalismo Económico de Alexandreerculano*, in *Vértice*, Volume VII, N.º 69, Coimbra, 1949.
15. *A mentalidade, o tempo e os grupos sociais (Um exemplo português da época dos descobrimentos: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes)*, in *Revista de História*, N.º 15, São Paulo, 1953.
16. *Mentalités, Temps, Groupes Sociaux (Un exemple portugais)*, in *Annales (Economies-Sociétés-Civilisations)*, N.º 4, Paris, 1953.
17. *Joaquim de Carvalho, Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV (Volume I, Coimbra, 1949)*, in *Bulletin d'Etudes Historiques*, N.º 1, Lisboa, 1953.
18. *História, Psicologia e Arte, I*, in *Gazeta de todas as Artes*, N.º 86, Lisboa, 1958.
19. *História, Psicologia e Arte, II*, in *Gazeta de todas as Artes*, N.º 87, Lisboa, 1958.
20. *História, Psicologia e Arte, III*, in *Gazeta de todas as Artes*, N.º 91, Lisboa, 1958.
21. *História, Psicologia e Arte, IV*, in *Gazeta de todas as Artes*, N.º 92, Lisboa, 1958.
22. *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*, in *Bulletin des Etudes Por-*

- tugais..., Nouvelle Série, Tome XX, 1958.
23. *L'historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes, in Ibérica*, Revista de Filologia, N.º 4, Rio de Janeiro, 1961.
 24. *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda, I*, in *Diário de Lisboa*, 17 de Julho de 1961.
 25. *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda, II*, in *Diário de Lisboa*, 19 de Julho de 1961.
 26. *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume I, N.º 4, Lisboa, 1961.
 27. «*Esmeraldo de situ orbis*» de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée), in *Positions des Thèses...*, soutenues devant la Faculté en 1960 et 1961, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines P.U.F., Paris, 1962.
 28. *A decifração de um enigma: o título «Esmeraldo de situ orbis»*, in *Diário de Lisboa*, 23 de Maio de 1963.
 29. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis»* (Breve apontamento), *Publicaciones del Curso Hispano-Portugues de Orense*, 1963.
 30. *A decifração de um enigma: o título «Esmeraldo de situ orbis»*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume IV, N.º 4, 1963.
- Artigos publicados no *Dicionário de História de Portugal* (sob a direcção de Joel Serrão), Iniciativas Editoriais, Lisboa:
31. *Algarismo* (Volume I, 1963).
 32. *Esmeraldo de situ orbis* (Volume II, 1965).
 33. *Valentim Fernandes* (Volume II, 1965).
 34. *Diogo Gomes* (Volume II, 1965).
 35. *Mestre João ou Mestre João Faras* (Volume II, 1965).
 36. *Hans Mayr* (Volume II, 1965).
 37. *Tomé Lopes* (Volume II, 1965).
 38. *Duarte Pacheco Pereira* (Volume III, 1968).
 39. *Álvaro Velho* (Volume IV, 1969).
 40. *Afonso Cerveira* (Volume IV, 1969).
 41. *Literatura de Viagens* (Volume IV, 1969).
 42. *A decifração de um enigma: o título «Esmeraldo de situ orbis»*, in *Revista de História*, N.º 58, São Paulo, 1964.
 43. *As Edições e as Traduções do «Esmeraldo de situ orbis»*, in *Revista de História*, N.º 59, São Paulo, 1964.
 44. *O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira na História da Cultura*, in *Revista de História*, N.º 60, São Paulo, 1964.
 45. *As Edições e as Traduções da «Crónica dos feitos da Guiné»*, in *Revista de História*, N.º 61, São Paulo, 1965.
 46. *Portugal e a União Ibérica*, in *Revista Comentarário*, Rio de Janeiro, 1965.
 47. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», I*, in *Revista de História*, N.º 62, São Paulo, 1965.
 48. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», II*, in *Revista de História*, N.º 63, São Paulo, 1965.
 49. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», III*, in *Revista de História*, N.º 64, São Paulo, 1965.
 50. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», IV*, in *Revista de História*, N.º 65, São Paulo, 1966.
 51. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», V*, in *Revista de História*, N.º 66, São Paulo, 1966.
 52. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», VI*, in *Revista de História*, N.º 67, São Paulo, 1966.
 53. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», VII*, in *Revista de História*, N.º 68, São Paulo, 1966.
 54. *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no «Esmeraldo de situ orbis», VIII*, in *Revista de História*, N.º 72, São Paulo, 1967.
- (Estes artigos sobre *As fontes de Duarte Pacheco Pereira...* foram reunidos no livro, sob o mesmo título, acima mencionado — N.º 3).
55. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). II. A «Carta» de Pêro Vaz de Caminha. 1. A Literatura Portuguesa de Viagens da Época dos Descobrimentos*, in *Revista de História*, N.º 65, São Paulo, 1966.
 56. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas), III, A «Carta» de Mestre João. 1. Mestre João ou Mestre João Faras. 2. Texto diplomático da «Carta» de Mestre João a D. Manuel*, in *Revista de História*, N.º 71, São Paulo, 1967.
 57. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 5. Edições e Traduções*, in *Revista de História*, N.º 74, São Paulo, 1968.
 58. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 3. O título*, in *Revista de História*, N.º 73, São Paulo, 1968.
 59. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 2. A data*, in *Revista de História*, N.º 76, São Paulo, 1968.
 60. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 1. Duarte Pacheco Pereira*, in *Revista de História*, N.º 77, São Paulo, 1969.
 61. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 1. Duarte Pacheco Pereira (Continuação)*, in *Revista de História*, N.º 78, São Paulo, 1969.
 62. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 4. Manuscritos*, in *Revista de História*, N.º 80, São Paulo, 1969.
 63. *O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 4. Manuscritos (Continuação)*, in *Revista de História*, N.º 81, São Paulo, 1970.
 64. *O descobrimento do Brasil através dos textos*

- (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 4. Manuscritos (Continuação), in *Revista de História*, N.º 82, São Paulo, 1970.
65. O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 4. Manuscritos (Continuação), in *Revista de História*, N.º 85, São Paulo, 1971.
66. O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 7. Textos diplomáticos e texto crítico, in *Revista de História*, N.º 88, São Paulo, 1971.
67. O descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas). IV. O «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira. 6. Regras seguidas para o estabelecimento dos textos, in *Revista de História*, N.º 91, São Paulo, 1972.
- (Os artigos acima citados com o título *O descobrimento do Brasil através dos textos — Edições críticas e comentadas...*, são capítulos de um estudo em 4 Volumes a ser publicado na *Colecção da Revista de História* da Universidade de São Paulo. Destes 4 volumes está publicado o Volume II com o título acima mencionado — N.º 4).
68. Prefácio ao livro de Manuel Nunes Dias: *O descobrimento do Brasil (Subsídio para o estudo da integração do Atlântico Sul)*, Pioneira-Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1967.
70. Duarte Pacheco Pereira um cartógrafo? O «Esmeraldo de situ orbis» um atlas?, in *Revista de História*, N.º 70, São Paulo, 1967.
71. *História (Teoria e Prática), I*, in *História Viva*, N.º 1, São Paulo, 1968.
72. *História (Teoria e Prática), II*, in *História Viva*, N.º 2, São Paulo, 1968.
73. *Notas para Uma Explicação de Portugal. I. Introdução. 1. Sobre História e Ciências Humanas*, in *Seara Nova*, N.º 1486, Lisboa, 1969.
74. *Notas para Uma Explicação de Portugal. I. Introdução. 2. «História, Ciência do passado, Ciência do presente»*, in *Seara Nova*, N.º 1488, Lisboa, 1969.
75. *A Literatura Portuguesa de Viagens (Século XV, XVI e XVII)*, in *Revista de História*, N.º 81, São Paulo, 1970.
76. *Portugal, a Europa e o Atlântico na Historiografia Contemporânea, I*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 6 de Junho de 1970.
77. *Portugal, a Europa e o Atlântico na Historiografia Contemporânea, II*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 13 de Junho de 1970.
78. *Portugal, a Europa e o Atlântico na Obra de Alexandre Herculano, I*, in *Diário de Lisboa*, 1 de Fevereiro de 1971.
79. *Portugal, a Europa e o Atlântico na Obra de Alexandre Herculano, II*, in *Diário de Lisboa*, 21 de Fevereiro de 1971.
80. *Para um estudo sobre Rotas, Portos e Comércio no «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira*, in *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, Campinas (Brasil), 1971.
81. *A Explicação de Portugal de Alexandre Herculano, I*, in *Seara Nova*, N.º 1510, Lisboa, 1971.
82. *A Explicação de Portugal de Alexandre Herculano, II*, in *Seara Nova*, N.º 1511, Lisboa, 1971.
83. *Colaboração em «Expansão Marítima e Colonial» na Cronologia Geral da História de Portugal*, sob a direcção de Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1971.
84. *Conhecimento, História, Realidade. Por uma nova história do pensamento (A propósito da reedição de «La Méditerranée...» de Fernand Braudel), I*, in *Revista de História*, N.º 86, São Paulo, 1971.
85. *La traduction espagnole du «De Situ Orbis» de Pomponius Mela par Maître Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira*, Positions des Thèses, in *Bulletin des Etudes Portugaises...*, Paris, 1971.
86. *Sobre o conceito de revolução epistemológica*, in *Seara Nova*, N.º 1515, Lisboa, 1972.
87. *A Revolução Epistemológica em História*, in *Seara Nova*, N.º 1517, Lisboa, 1972.
88. *Comentário a um «comentário crítico»*, in *Seara Nova*, N.º 1520, Lisboa, 1972.
89. *La traduction espagnole du «De Situ Orbis» de Pomponius Mela par Maître Joan Faras et les notes marginales de Duarte Pacheco Pereira*, Positions des Thèses, *Annuaire (1971-1972) de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes — Sorbonne (IV^e Section: Sciences Historiques et Philologiques)*, Paris, 1972.
90. *A Dualidade da Civilização Ibérica (A propósito de um ensaio de Robert Ricard)*, in *Seara Nova*, N.º 1523, Lisboa, 1972.
91. *Le Portugal, l'Europe et l'Atlantique dans l'Oeuvre d'Alexandre Herculano*, in *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, Nouvelle Série, Tomes XXXIII-XXXIV, Paris, 1972-1973.
92. *Note sur la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes et compris un journal peu connu du deuxième voyage de Vasco da Gama (1469-1969)*, Actes du Colloque de Strasbourg (Avril, 1970), in *Tilas*, Strasbourg, 1972.
93. *Por uma nova história do pensamento*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 30 de Setembro de 1973.
94. *A Explicação de Portugal de Alexandre Herculano*, in *Estética do Romantismo em Portugal*, Centro de Estudos do Século XIX do Grémio Literário, Lisboa, 1974.
95. *Portugal. A Europa ou o Atlântico? — Introdução*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 4 de Agosto de 1974.
96. *Portugal. A Europa ou o Atlântico? — A Dualidade da Civilização Ibérica*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 11 de Agosto de 1974.
97. *Portugal. A Europa ou o Atlântico? — Para Uma Explicação de Portugal, I*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 18 de Agosto de 1974.
98. *Portugal. A Europa ou o Atlântico? — Para Uma Explicação de Portugal, II*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)*, São Paulo, 25 de Agosto de 1974.
99. *Portugal. A Europa ou o Atlântico? — Conclusão*, in *O Estado de S. Paulo (Suplemento Li-*

- terário), São Paulo, 1 de Setembro de 1974.
100. *A Explicação de Portugal de Alexandre Herkulano*, in *Revista de História*, N.º 97, São Paulo, 1974.
 101. *Para Uma Explicação de Portugal, I, (Introdução. 1. Alexandre Herkulano)*, in *Nação e Defesa* (Edição do Gabinete de Estudos e Planeamento do Estado-Maior do Exército), Ano I, N.º 0, Lisboa, Abril de 1976.
 102. *Para Uma Explicação de Portugal, II, (Antero Quental)*, in *Nação e Defesa* (Edição do Gabinete de Estudos e Planeamento do Estado-Maior do Exército), Ano I, N.º 2, Lisboa, Novembro de 1976.
 103. *A pré-história e a história das palavras «descobrir» e «descobrimento» (1055-1567). (Em busca da especificidade da expansão portuguesa)*, in *História*, Publicações Projornal, Lda., N.º 6, Lisboa, Abril de 1979.
 104. *O título «Esmeraldo de situ orbis» — A decifração de um enigma*, in *História*, Publicações Projornal, Lda., N.º 7, Lisboa, Maio de 1979.
 105. *Para a definição de uma obra e de um autor: O «Esmeraldo de situ orbis» e Duarte Pacheco Pereira*, in *História*, Publicações Projornal, Lda., N.º 10, Lisboa, Agosto de 1979.
 106. *Origens da influência francesa na cultura portuguesa*, in *Portugal Hoje (Suplemento)*, Lisboa, 8 de Outubro de 1979.
 107. *Por uma nova história do pensamento*, in *Clio* (Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa), Volume I, 1979.
 108. *As edições e as traduções do «Esmeraldo de situ orbis» de Duarte Pacheco Pereira*, in *História e Sociedade*, N.º 4-5, Lisboa, Junho de 1979.
 109. *Portugal. A Europa ou o Atlântico?*, Anop, Lisboa, no prelo.
 110. *Portugal et Brésil (Premiers liens)*, Ed. da UNESCO, no prelo.
 111. *Sur la spécificité de la Renaissance portugaise*, «Centre d'Etudes Supérieures de la Renaissance de l'Université de Tours», Ed. Varin, Paris, no prelo.
 112. *O «Erudito», o «Historiador», o «Ensaísta» (Ensaio de definição)*, in *História e Sociedade*, Lisboa, no prelo.
 113. *As mentalidades e o Portugal contemporâneo*, in *História e Sociedade*, Lisboa, no prelo.
- Traduções:*
114. Georges Friedmann, *Problemas do «factor humano» na indústria americana*, in *Revista de Economia*, Volume III, Lisboa, Dezembro de 1950.
 115. Fernand Braudel, *História e Sociologia*, in *Revista de História*, N.º 61, São Paulo, 1965.
 116. Fernand Braudel, *Aula Inaugural da Cadeira de História Moderna do Colégio de França, no dia 1 de Dezembro de 1950*, in *Revista de História*, N.º 63, São Paulo, 1965.
 117. Fernand Braudel, *Lucien Febre e a História*, in *Revista de História*, N.º 64, São Paulo, 1965.
- Tinha em preparação:*
- *As edições e as traduções da «Crónica dos feitos de Guiné» de Gomes Eanes de Zurara (Edição corrigida e aumentada).*
 - *O Renascimento Português na Historiografia Contemporânea (Séculos XIX e XX).*
 - *Para Uma Explicação de Portugal, III (Oliveira Martins).*
- V. G.
Lisboa, Fevereiro de 1981



Joaquim Barradas de Carvalho (com Victor Gonçalves e Jean Guilaine), durante um Colóquio promovido pelo Centro de História (23.04.79).

Em memória de Joaquim Barradas de Carvalho, sem falar no historiador

José-Augusto França

O Barradas morreu subitamente, caindo de borco sobre a mesa do jantar, em casa de amigos; o resto foram dois meses de coma inútil e angustiante para todos. E morreu como todos nós andamos, os da nossa geração comum, estafados de trabalho, de inquietações e de desilusões, entre a presença e a distância de história de um país fugidivo, que durante mais de trinta anos nos esforçámos por pensar.

Vi-o pela última vez nessa mesma tarde, numa conferência de Georges Duby, e nas vésperas, numa recepção ao historiador francês. Ele ia em breve ser meu colega (e do Joel Serrão) na mesma Universidade, com o título que lhe era devido, já que até agora, apesar do parecer da comissão universitária de que eu fazia parte e lhe apreciou o «curriculum», não pudera ser mais do que «equiparado» a professor catedrático — ele que tinha um doutoramento de Estado francês e outro ainda, de III Ciclo, ao nível dos nossos, e um diploma da Ecole des Hautes Etudes, notável obra publicada, longa experiência de investigador no quadro do Centre National de Recherche Scientifique e de professor na Universidade de S. Paulo, onde esteve alguns anos e deixou saudades.

Muitos mais anos esteve Joaquim Barradas de Carvalho em França, por necessidade de estudo, depois por fatalidade de exilado político. Convivi com ele em Paris, pela primeira vez em 1948 — e muito antes, em Lisboa, desde o nosso primeiro ano da Faculdade, sete anos atrás. Amizade de quase quarenta anos, com muitos encontros, conversas longas, almoços e jantares, desde Lisboa a Paris e passando por S. Paulo também. «Contactos», como dizia a polícia... Mas eles fizeram-se sobretudo em Paris, na Sorbonne e em nossas casas, ou no café onde sempre marcávamos conversas, quando frequentemente eu ia ali; e Barradas foi, durante anos, um dos raríssimos portugueses que eu procurava — para uma conversa que era sempre a mesma, na sua esperança de exilado, na minha angústia de retornado. E na nossa comum ironia aplicada às relativas posições...

Porque o Barradas, entendendo humanamente os problemas em que todos andávamos metidos e em que sempre se empenhava com generosa intervenção, mantinha, ao mesmo tempo, uma distância crítica firme e sem equívoco, por vezes aparentemente ingénuo, por indiferença ao quotidiano e desinteresse material, mas que, a pouco e pouco, à medida que os anos da idade vinham, se assemelhava à sagesa. Ironicamente expressa: «fumo gauloises — mas com filtro», gostava ele de dizer, com um riso claro. A sua opção ideológica (que não era a minha) não sofria assim simplificações nem abusos, e o seu juízo político, se era utópico, disse se dava conta e tomava lição, sem quebra nem cansaço. Assim a nossa conversa se repetia e variava, gravemente ou brincando, com referência a acontecimentos e pessoas bem e mal comportadas nos apertos da pátria que tínhamos — e fomos tendo, mesmo depois do Barradas ter podido voltar a ela. Lembro-me agora do abraço que então demos, no Chiado, que ainda era lugar para isso; e lembro-me também de uma longa noite em sua casa, com um jantar pelo meio, num restaurante do Bairro Alto da sua vizinhança. Onde aliás vimos um sujeito abancado, de duvidoso passado marialva e salazarista, que nos fez sorrir com alguma vergonha, já em 1977...

Quando, em 1959, por meu turno, me instalei em Paris, fiquei devendo a Barradas precioso apoio e conselho, nas novas universidades que queria fazer, após quinze anos de outros trabalhos de ganhar a vida. Barradas fizera já um doutoramento de III Ciclo e eu ia fazer o meu — e ainda no dia da defesa da tese, em 1962, ele me telefonava, às 8 da manhã, a dar conselhos. Excelentes, decerto, na sua amizade, mas pouco eficazes quando, inesperadamente, me vi convidado pelo presidente do júri a fazer uma exposição inicial que de modo algum preparara... Fi-la de improviso — e à saída ajustei contas amistosas com o Barradas. Que, com toda a naturalidade, me confessou que também a ele tinham pedido o mesmo, mas que não me dissera porque não eralegal e, conseqüentemente, não devia acontecer... Sete anos depois, precedi-

na defesa de uma tese de Estado que ele, entre mil trabalhos e solicitações, atrasara; e na mesma e douradíssima sala Liard lá estava ele a abraçar-me, com toda a sua generosa sinceridade.

E lembro-me agora, num riso de amizade a que não resisto, da sua cara desfeita de pânico e alarme ao entrar-me, uns vinte anos atrás, pelo quarto dentro, do Hotel Saint-Pierre, ao Boulevard Saint-Michel (então quartel general de muito português em passagem ou mal parisiense), a trazer-me, na mão trémula, um livro célebre do Quincey, «L'Assassinat considéré comme un des Beaux-Arts», que eu comprara e deixara, por esquecimento, no seu quarto, em outro andar. É que, no quarto pegado ao seu, estava o cadáver de uma velha dinamarquesa, ali falecida, à espera que o marido o viesse buscar...

Mas ao riso evocado outra coisa vem juntar-se agora, em volta da triste morte acontecida, e que é o próprio tempo em que ela aconteceu. Tempo nosso ainda, ou outra vez, e que, a gente como o Barradas, inevitavelmente fará lembrar um passado próximo. Historiadores, podemos chamar-lhe «viradeira» ou «ressurreição dos mortos»; sociólogos, recuperação; moralistas, coisa muito pior, com certeza, por onde passa o nojo.

Joaquim Barradas de Carvalho desaparece num momento em que se define uma grande crise moral no país, e isso importa agora observar — como que em home-

nagem prestada à sua memória de homem de opinião e honra inteiras.

É que de novo está a haver medo no Portugal de 1980: não a ansiedade de uma mudança de regime que não se quisesse (como eu não quis) em 1975 — mas um receio esparso de falar e de ouvir, de ser escutado e notado, na rua, no emprego, na repartição já, um pequeno medo, salazarista e pilha, que se insinua no quotidiano e volta uma dezena de anos atrás, em lembranças de pides e censuras vingativas, no comum das gentes condicionadas. Um medo que logo se investe no ódio e amanhã (quem sabe?) na perseguição do intelectual, «aquele que diz sempre mal» — e que, no interior da mesma crise moral, se está traduzindo já em dezenas de passagens e mudanças de opinião e de partido, casacas miseravelmente viradas para manter à direita carreiras que a esquerda dera, incautamente. Carreiras ministeriais, diplomáticas, de dirigentes ou dirigidos, altas e baixas — e sempre baixas, afinal...

Ri-me com o Joaquim Barradas, ainda em Paris, de súbitas vocações socialistas (e comunistas), civis e militares, acontecidas nos ardores do 25 de Abril. É pior agora porque se passa a outro nível e não há riso que lave as nódoas morais de um tempo, ou de uma geração, afinal a nossa — em que o Barradas, meu amigo, deixou um raro exemplo de humana qualidade.

Junho, 1980

Professora Maria José Trindade

Maria José Lagos Trindade Barbosa Gaspar ou, como toda a gente a conhecia, a professora Maria José Trindade, deixou-nos inesperadamente a 13 de Julho.

A notícia atingiu-nos bruscamente, quando no dia seguinte, segunda-feira 14, chegámos à Faculdade para iniciar mais uma semana de trabalho que, como o sabem todos quantos conhecem o Curso, nem sempre é fácil nem se limita ao tradicional *estudar e ensinar*, mas passa quotidianamente pelo esforço desenvolvido pelo funcionamento democrático do Curso, como ela nos tinha ajudado a perceber.

Dirigimo-nos, portanto, nessa manhã de segunda-feira à Faculdade contando, como habitualmente, com a ajuda amiga da Professora Maria José Trindade que tinha, entre outras, a qualidade de saber estar presente, sempre que necessária. Chegávamos assim à Faculdade, abalados ainda por uma outra perda recente — a do Professor Baradas de Carvalho — quando, como um golpe, a notícia nos apanhou.

Alguns, muitos mesmos, não foram já capazes de assistir ou dar as suas aulas. A notícia era demasiado pesada e também por demais inesperada: de uma forma ou de outra estavam todos a par dos vários projectos que ela acalentava e que pensava pôr em prática, agora, neste ano lectivo de 1980/81, projectos que se num caso eram marcadamente individuais — tratava-se de concluir e apresentar a sua dissertação de doutoramento — passavam na sua grande maioria pelo trabalho de equipa que ela tanto soube estimular.

A Professora Maria José Trindade morrera e a nossa primeira reacção foi, e continua no essencial a manter-se, a de uma perda irreparável, de um choque muito profundo: desaparecia do convívio e luta quotidianos por uma escola nova, num momento em que, talvez como nunca, a sua presença se tornava indispensável.

Mas, se a sua presença física desapareceu definitivamente, ficou-nos a memória e o exemplo de um professor de quem era agradável e proveitoso ser-se aluno, de um

colega mais experiente que sempre tinha uma palavra de estímulo e uma ajuda desinteressada, de um companheiro de luta e de trabalho com quem sempre se podia contar.

Um dos traços marcantes da Professora Maria José Trindade, e que para muitos de nós estava e está talvez ainda mais presente que o seu valor científico e o rigor das suas análises, era o seu comportamento quotidiano de amizade e de defesa da Escola, comportamento esse que, neste momento concreto da vida do Curso, seria indesculpável, face à sua memória, não destacar.

Na verdade, a sua acção neste domínio foi sempre muito clara: já antes do 25 de Abril e enquanto assistente opôs-se à presença na Faculdade dos famigerados *gorilas*, para quem se já não lembre ou não queira recordar, *gorilas* eram antigos elementos das tropas de choque coloniais que, no interior das Faculdades, cumpriam funções de polícia de choque. Solidária, já então, com os estudantes, esta atitude custar-lhe-ia alguns dissabores, mas, então como depois, a sua maneira de ser não se alterou.

Depois, e já regressada à Faculdade, na sequência do 25 de Abril, a Professora Maria José Trindade empenhar-se-ia activamente na luta pelo funcionamento democrático da Escola, só então tornado possível. Tendo participado em todos os Conselhos Pedagógicos da FLL e nas várias Comissões Pedagógicas do Curso até à data do seu falecimento, os estudantes habituaram-se a ver nela uma Professora que, sem abdicar dos seus deveres de docente e de orientação das cadeiras que tinha a seu cargo, encontrava sempre disponibilidade para ouvir quem quer que se lhe dirigisse com qualquer problema.

Assim, e para todos os estudantes, independentemente de serem seus alunos ou não, a Professora Maria José Trindade tinha sempre uma palavra de simpatia. O clima que se estabelecia nas suas aulas tornava-se num espaço aberto de debate e de aprendizagem, onde o tradicional fosso existente entre professor e alunos se esbatia por completo e dava lugar a um *forum* de diálogo. Como ela mesma costumava dizer no primeiro dia de aulas, os seus

alunos eram por si considerados como amigos e jamais a vimos guardar qualquer ressentimento ou prejudicar algum estudante.

O respeito que por si nutriam todos quantos haviam passado pelas suas turmas nada tinha a ver com uma imposição autoritária da sua parte. Pelo contrário: nas aulas, como nos órgãos de gestão, Assembleias de Curso ou de Escola e em todos os outros locais de trabalho, a Professora Maria José Trindade deixava vincada a sua presença pela tolerância e pela defesa de uma sã discussão em que unicamente se orientava pelas suas convicções democráticas, pela afirmação do prestígio da Faculdade contra os que a pretendiam denegrir e pela defesa dos seus corpos docente e discente.

Exemplo de dinamismo e de empenhamento cívico que a levaram a subalternizar os seus interesses pessoais e a dar a primazia à defesa e prestígio do nosso Curso, desgastando-se mesmo para além do que lhe permitiam a sua saúde e resistência física, a Professora Maria José Trindade era também exemplo de lucidez e de grande capacidade intelectual no terreno da História. Para além dos seus trabalhos que adiante se referem, lembramos o entusiasmo que nos suscitava com os temas medievais que lhe eram mais caros. Nessas ocasiões *era uma aula*. Essa lucidez e esse brilhantismo mostrava-os também quando, com a amizade que lhe era peculiar, a partir de um qualquer nosso trabalho ou projecto, conseguia de imediato fazer toda uma série de observações que invariavelmente se revelavam úteis e suficientes para aprofundar a nossa reflexão.

Estas as imagens que nos vêm automaticamente à memória ao recordá-la, imagens essas que não esgotam o que foi nesta e para esta escola a Professora Maria José Trindade, desde que em 1975 entrou para o Curso de História, de cuja actividade tentaremos agora dar uma ideia muito breve, realçando desde já que, no âmbito da História, 42 anos, são, não a idade em que se acaba uma carreira, mas sim, e pelo contrário, a idade em que ela se inicia. Assim, seria também com ela, caso a morte lhe não interrompesse o caminho.

Ainda enquanto estudante, a Professora Maria José Trindade participa em diversos projectos de investigação que vão da Geografia Histórica às relações de Portugal com a Etiópia, passando pela arqueologia e, em 1961, ganha não só o 1.º prémio em Poesia e Conto nos Jogos Florais promovidos pela Universidade do Porto, como o prémio Infante D. Henrique com o seu trabalho *O Comércio Externo Português antes da Expansão*, tudo isto para além, evidentemente, do acompanhamento das várias disciplinas, algumas das quais — como ela gostava de nos lembrar — perfeitamente desinteressantes na forma como então era dadas, e da elaboração da sua dissertação de licenciatura...

Por outro lado, e desde que em Outubro de 1963 entra como assistente para o Curso de História, são várias as disciplinas de que assegurará as aulas práticas — História da Cultura Portuguesa, com o Professor Vitorino Nemésio e História da Civilização Romana com o Professor Padre Manuel Antunes, entre outras — para além da regência da cadeira de História da Idade Média, que mantém desde o início até que, em 1971, se vê forçada a abandonar a Faculdade, ingressando no ano seguinte como docente na Escola Superior de Meios de Comunicação Social, onde se manteve mesmo depois de voltar à FLL. Ao longo destes anos, entretanto, e para além das aulas, da participação nos cursos de férias e de vários Colóquios sobre História de Portugal a grupos de estrangeiros de visita ao nosso país, e da pesquisa conducente à dissertação de doutoramento, a Professora Maria José Trindade participou em diversos congressos e seminários e publicou vários trabalhos cuja cronologia recordamos:

Bolsas, Colaborações e participação em reuniões científicas

- 1961 — Bolseira do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos;
- 1962 — Bolseira do Instituto de Alta Cultura no Centro de Estudos Históricos, sob a direcção da Professora Virgínia Rau, colaborando no Plano LL/4 *Estruturas Económicas e Sociais dos Meios Rurais Portugueses na Idade Média*;
- 1965 — Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Coimbra. Apresenta comunicação integrada na equipa do Centro de Estudos Históricos;
- 1965 — Simpósio Vicentino nas Comemorações do V centenário do nascimento de Gil Vicente, realizado em Lisboa. Apresenta a comunicação *Classes sociais presentes e ausentes na obra de Gil Vicente*;
- 1966 — Simpósio Internacional da Reconquista Cristã da Península Ibérica, realizado em Évora. Apresenta a comunicação *Aspectos do aproveitamento agrícola de Entre Douro e Minho nos séculos XI-XIII, O Mosteiro de Cete*;
- 1967 — I Seminário Internacional de Geografia, realizado em Lisboa;
- 1968 — Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais, realizado no Porto. Apresenta a comunicação *Os Oficiais Régios nas Inquirições Gerais de Afonso III*;
- 1970 — XII Congresso Internacional de Ciências Históricas, realizado em Moscovo. Subsidiada pelos organizadores do congresso;
- 1971 — Frequência do *Seminário sobre Métodos Quantitativos aplicados à História*, realizado em Salamanca, por convite do Professor José Luiz Martin, director do Centro de Estudos Históricos Medievais da Faculdade de Filosofia e Letras de Salamanca;
- Congresso Internacional «Las Ordenes Militares Hispánicas durante la Edad Media», realizado em Madrid/Lisboa. Apresenta a comunicação *Propriedade rural das Ordens Militares no Norte de Portugal*;
- Bolseira do I. A. C. para ultimar a dissertação de doutoramento.
- 1972 — Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval sobre a Pobreza e a Assistência aos Pobres na Península Ibérica durante a Idade Média, realizadas em Lisboa. Fez parte do secretariado das jornadas e apresentou a comunicação *Notas sobre a intervenção régia na administração das instituições de assistência nos finais da Idade Média*;
- 1973 — I Congresso Internacional de História Mediterrânea, realizado em Palma de Maiorca. A convite do Professor Emilio Saez apresenta uma das comunicações-base ao congresso: *Marchands Etrangers de la Méditerranée au Portugal pendant le Moyen Age*;
- Primeras Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Históricas, realizado em Santiago de Compostela. Apresenta, em colaboração com Jorge Gaspar, a comunicação *A utilização agrícola do solo em torno de Lisboa na Idade Média*;



Maria José Trindade Barbosa Gaspar (1938-1980)

- 1974 — Convidada pela Comissão Cultural Luso-Americana para colaborar nas Comemorações do Bicenténário da independência dos Estados Unidos. Recebe subsídio para investigação que realiza nos arquivos dos Açores e Madeira;
- O I. A. C. concede-lhe bolsa de estudos para a Sorbonne, a fim de sob a orientação do Professor Michel Mollat, concluir o seu doutoramento. Regressada entretanto à FLL, a Professora Maria José Trindade pede adiamento da bolsa, mas continua a preparar a dissertação de doutoramento sob a direcção do Professor Mollat;
- 1975 — A partir desta data e até à sua morte faz parte da direcção do Centro de História da Universidade de Lisboa (INIC).

Trabalhos Publicados

Para além das comunicações acima referidas, e que constam das actas respectivas, a Professora Maria José Trindade deixou-nos ainda:

- O Comércio Externo Português antes da Expansão*, in «Boletim de Informação Económica e Financeira», n.ºs 37 e 38, Lisboa, 1962.
- «A Vida Pastoril e o Pastoreio em Portugal nos séculos XII a XVI — Subsídios para a sua história», dissertação de licenciatura em Ciências Históricas apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, policopiada, Lisboa, 1962.
- Problemas do pastoreio em Portugal nos séculos XV e XVI*, in «Do Tempo e da História», tomo I, Lisboa, 1965.
- A Propriedade das Ordens Militares nas Inquirições Gerais de 1220*, in «Do Tempo e da História», tomo IV, Lisboa, 1971.
- Nota bibliográfica sobre o livro de M. C. Pallares e E. Portela Silva «El Bajo Valle del Mino en los siglos XI-XIII, Economía Agraria y Estructura Social»*, in «Do Tempo e da História», tomo V, Lisboa, 1973.
- A utilização agrária do solo em torno de Lisboa, na Idade Média, e a teoria de Von Thunen*, (Desenvolvimento da comunicação apresentada em Santiago de

Compostela), in «Boletim Cultural da Junta Distrial de Lisboa, n.º LXXIX/LXXX, Lisboa, 1974 (em colaboração com Jorge Gaspar).

Figure di Storici — Virginia Rau, in «Medioevo Saggi e Rasseone», 1, Cagliari, 1975.

Portuguese emigration from the Azores to the United States during the nineteenth century — A contribution to its study, in «Studies in Honor of the bicentennial of American Independence», Lisboa, 1976.

Aspectos das Cortes Medievais em Portugal, publicado em tradução mais abreviada na revista «Cambio 16». O original português será publicado ainda em 1980.

Prefácio a «As Vilas do Norte de Portugal» de Alberto Sampaio, Lisboa, Ed. Vega, 1979.

Prefácio a «História da Sociedade em Portugal no século XV», de A. Costa Lobo, Lisboa, Cooperativa Editora História Crítica, 1979.

Questões da Administração local nas Inquirições Gerais de Afonso III, in «Clio», n.º 1, Lisboa, 1980.

Recensão crítica a «La Peninsula en la Edad Media» de José Luiz Martin, a publicar na revista «História & Crítica», n.º 7 (em colaboração com José Manuel García)

Fernão Lopes — Historiador, conferência feita em Junho de 1980 no Funchal e cujo texto deixou quase concluído.

Nota: No momento da sua morte a Professora Maria José Trindade tinha ainda em preparação dois trabalhos: *Portugal na Idade Média*, a incluir na «Historia de España» fundada por Ramon Menendez Pidal; e *Les Formes de transhumances et d'exploitation des troupeaux au Portugal vers la fin du Moyen Age*, que constituiria a sua dissertação de doutoramento a apresentar na Sorbonne.

BERNARDO SOUSA *
 FERNANDA MAURÍCIO **
 MANUEL SÍLVIO CONDE ***
 MARIA ALEXANDRA LOUSADA **
 NUNO MONTEIRO *
 PEDRO GINESTAL *
 MIGUEL RODRIGUES **

* Monitores da Faculdade de Letras de Lisboa.

** Assistentes da Faculdade de Letras de Lisboa.

*** Aluno da Faculdade de Letras de Lisboa.